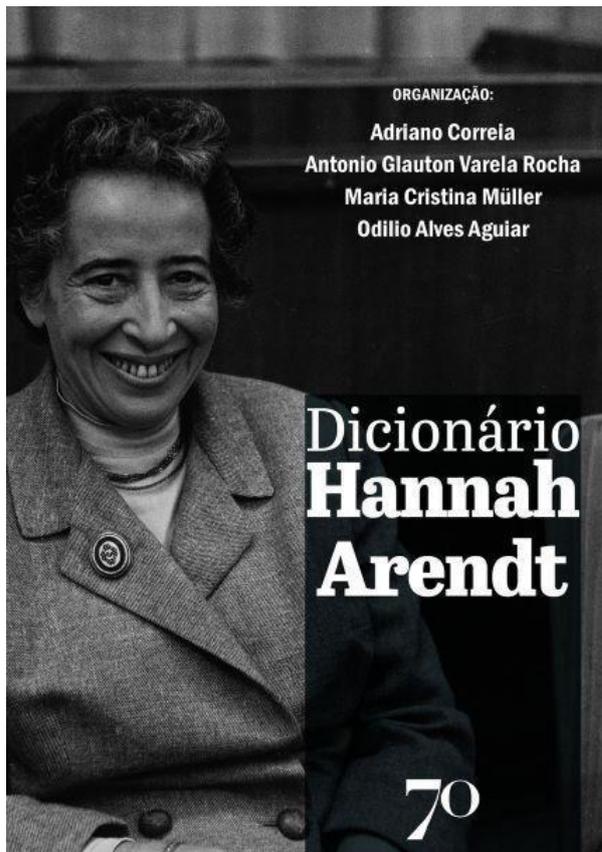


**Resenha do *Dicionário Hannah Arendt* de A. Correia *et al.***  
São Paulo, Edições 70, 2022, 452 págs.

**Rossa Valente**

*Universidade Federal do Paraná*



**Cómo citar este texto:**

Valente, R. (2023). Resenha do *Dicionário Hannah Arendt* de A. Correia *et al.* *Pescadora de Perlas. Revista de estudios arendtianos*, vol. 2, n° 2, 272-280. Disponible en: <https://revistas.unc.edu.ar/index.php/pescadoradepelras/index>

Fecha de recepción: 23/03/2023  
Fecha de aceptación: 28/03/2023



*Dicionário Hannah Arendt* é composto por 51 verbetes sobre os diversos temas do pensamento arendtiano, cada um escrito por um estudioso versado no assunto. Uma obra de extensa envergadura que conta com pesquisadores majoritariamente do Brasil, mas também estrangeiros, como Beatriz Porcel e Wolfgang Heuer que possuem um extenso histórico de participações em eventos e revistas científicas brasileiras. Entre os principais nomes que compõem o quadro autoral, encontram-se André Duarte, Bethania Assy, Cláudia Perrone-Moisés, Celso Lafer, Eduardo Jardim, Fábio Abreu dos Passos, Nádia Souki, Newton Bignotto, Silvana Winckler e Sônia Maria Schio. Quanto a organização, coube aos reconhecidos pensadores Dr. Adriano Correia – professor de ética e filosofia da Universidade Federal de Goiás – Dr. Antonio G. B. Rocha – professor de Filosofia, Teologia e Direitos do Centro Universitário Católico de Quixadá – Dra. Maria C. Müller – professora de Filosofia da Universidade Estadual de Londrina – e Dr. Odílio Alves Aguiar – professor de Filosofia da Universidade Federal do Ceará – coordenarem essa empreitada.

Caso almejássemos uma síntese de cada verbete, traríamos ao leitor uma apreciação rasa e deturpada do livro, haja visto que se trata de um emaranhado de temas complexos capazes de abarcar o esforço de toda uma carreira. Dessa forma, nosso objetivo será ressaltar as duas grandes contribuições que este livro acrescentou aos estudos sobre Hannah Arendt.

O prefácio nos informa que o livro foi calcado com vistas a dois objetivos fundamentais. Primeiro informar o “leitor não especializado e interessado em um acesso inicial a cada um dos temas, sem descuidar de indicações para aprofundamentos ulteriores e de referências aos debates atuais” (Correia et al., 2022: 9). O modelo de verbetes foi uma excelente escolha, pois, possibilitou sintetizar a compreensão elaborada por anos de pesquisa sobre cada um dos temas, sem abrir mão das indicações de aprofundamento dentro da própria obra de Arendt. Desse modo, os capítulos auxiliam tanto o leitor iniciante a estabelecer pontos de partida para suas reflexões, quanto o leitor especializado que busca o mapeamento de fontes diretas sobre determinado termo, sendo essa a primeira grande contribuição.

Já o segundo objetivo foi “traduzir a maturidade da interpretação e da discussão da obra arendtiana entre nós” (Correia et al., 2022: 8). Tarefa que exigiu grande esforço, pois foram necessários 51 verbetes para traduzir o amplo quadro de discussão do pensamento arendtiano e, ainda assim, deixar vertentes de fora. Desta maneira, o livro pode ser observado como um lugar de sedimentação – mas, de forma alguma de conclusão – da fortuna crítica da obra de Arendt no Brasil, sendo essa a segunda e, digamos de passagem, maior contribuição para o campo de estudo. Podemos sustentar essa apreciação com base no rastreio de marcos gerais da recepção da obra de Arendt no Brasil e a irradiação do seu pensamento.

Arendt que faleceu em 1975, legou uma obra extensa e de grande impacto para as futuras gerações que desejarem lembrar, pensar e compreender o mundo. Mas, nem sempre os pesquisadores, ligados majoritariamente, as ciências humanas deram seu devido valor. Assim como seu amigo Walter Benjamin, Arendt recebeu a mais indesejada das famas, a póstuma. A compreendedora havia estudado Filosofia na década de 1920 com ilustres pensadores na Alemanha, tais como Martin Heidegger, Karl Jaspers, Edmund Husserl e Kurt Blumenfeld. Saiu da Alemanha em 1933 se refugiando na França até 1940 e chegou nos Estados Unidos em 1941, onde veio a conquistar a cidadania estadunidense em 1951.

O ano de obtenção da cidadania, marca o fim de sua condição de *apátrida* e a publicação do livro *Origens do totalitarismo*. *Origens* teve grande capilaridade na academia estadunidense, impulsionando a expansão profissional de Arendt que já estava em curso. Podemos afirmar, com base em Young-Bruehl (1997: 337) e Lafer (2017: 74), que na década de 1950 Arendt se consolidou quanto figura pública de destaque na academia estadunidense.

Nesses anos, a compreendedora ampliou sua influência para diferentes revistas, tais como *Aufbau*, *Partisan Review*, *Jewish Frontier*, *Contemporary Jewish Record*, *Chicago Jewish Review*, *Review of Politics*, *Commentary*, *The Nation*, *New Yorker*, *New York Review of Books* e *Menorah Journal*. Passou por renomadas universidades, tais como *Brooklyn College*, *New School for Social Research*, *Princeton*, *Cornell*, *Rand*, *Berkeley*, *Yale*, *Chicago* etc. E publicou livros de grande impacto na

academia estadunidense, como *Origens do totalitarismo* (1951), *A condição humana* (1958), *Entre o passado e o futuro* (1961) e *Eichmann em Jerusalém* (1963).

Todavia, o reconhecimento de seu trabalho em vida predominou nos Estados Unidos. No que condiz ao Brasil, a introdução da sua obra despontou efetivamente na década de 1970. Lafer (2001: 12) comentou que mesmo com o crescente reconhecimento de *Origens*, “não havia consenso [nas décadas de 1970 e 1980] em torno da pertinência da sua obra para o entendimento do mundo contemporâneo”. Enquanto, esclarece que um dos motivos era o fato de que ela “não se enquadrava nos cânones políticos usuais, nem era facilmente identificável no âmbito das disciplinas acadêmicas” (Lafer, 2001: 12). Assim, os filósofos no geral consideravam Arendt demasiadamente empírica, os cientistas sociais a consideravam excessivamente teórica, a esquerda lhe acusava de conservadora e a direita de nostálgica. Essas críticas gerais, devido Arendt não se enquadrar em uma escola, corrente, paradigma ou campo disciplinar, levaram como bem indicou Brepohl (2001: 28), a sua obra ter uma “lenta receptividade”.

No caso brasileiro, o grande responsável pela introdução da obra de Arendt – mesmo no contexto de controversa que seu nome suscitava – foi seu ex-aluno Celso Lafer. O marco inicial foi a tradução de *Entre o passado e o futuro*, em 1972, que contou com o prefácio de Lafer, *Da Dignidade da política* (Lafer, 1972). No prefácio, afirmou que um de seus objetivos – o qual mantém até os dias de hoje – era apresentar, divulgar e irradiar o pensamento arendtiano (Lafer, 1972: 27). Assim, voltou a intermediar a tradução em 1973 de *A Crise da república* e, a convite de seu amigo Marcos Margulies, dedicou o prefácio *O Antissemitismo, os judeus e o mundo moderno* (Lafer, 2018) ao primeiro volume de *Origens*, em 1975 - os outros dois saíram em 1976 e 1978. Desse modo, o Brasil recebeu na década de 1970, três livros de Arendt que contaram com a participação ativa de Lafer.

Já na década de 1980, chegaram ao Brasil *A Condição humana* em 1981 – com prefácio de Celso Lafer (1981) –, *Eichmann em Jerusalém* em 1983, *Homens em tempos sombrios* em 1987 – com posfácio de Lafer (2008) – e *Da Revolução* em 1988. Havendo um leve aumento no número de traduções quando comparado a década de

1970, mas mantendo a participação de Lafer na introdução do pensamento arendtiano.

Quanto a década de 1990, nota-se um grande impulso por traduções. Assim, foram traduzidos *A Vida do espírito* em 1991, *Lições sobre a filosofia de Kant* e *A Dignidade da política* em 1993, *Rahel Varnhagen* e *Da violência* em 1994, *Verdade e política* e *Entre amigas* em 1995, *O Conceito de amor em Santo Agostinho* em 1997 e *O que é política?* em 1998.

Desse modo, podemos afirmar que o debate sobre o lugar do pensamento de Hannah Arendt que estava predominantemente em pauta nas discussões da década de 1970 e 1980, foi se arrefecendo paulatinamente, dando lugar, na década de 1990, a exploração, análise, interesse e reconhecimento de sua obra como clássica – certamente outros fatores estão envolvidos, mas fogem da nossa alçada no momento. Assim, a demanda pelas traduções confere com a paulatina consolidação de pesquisadores interessados na obra de Arendt em universidades.

Como marcos gerais da fortuna crítica arendtiana no Brasil, anterior aos anos 2000, podemos destacar os livros *Hannah Arendt: pensamento, persuasão e poder* (Lafer, 1979) e *A Reconstrução dos direitos humanos: um diálogo com o pensamento de Hannah Arendt* (Lafer, 1988). Além da ampla participação na introdução da obra de Arendt, Lafer fomentou a discussão e análise da mesma. Ambos os livros se tornaram clássicos da fortuna crítica arendtiana no Brasil, influenciando as próximas gerações.

Desse modo, a partir dos anos 2000, nasceram no Brasil os primeiros eventos científicos destinados ao debate da obra de Arendt. Os dois primeiros foram o *Colóquio Hannah Arendt – 25 anos depois*, organizado pela PUC-RIO e UFMG em 2001, o qual resultou no ano seguinte no livro *Hannah Arendt: diálogos, reflexões, memórias* (Jardim e Bignotto, 2001); e o *Colóquio Internacional: a banalização da violência; a atualidade do pensamento de Hannah Arendt*, organizado pela UFPR em 2002, que resultou no livro *A banalização da violência* (Duarte, Lopreato e Brepohl, 2004). Em ambos os momentos, além de podermos observar a presença das recentes obras traduzidas, notamos o reconhecimento de Celso Lafer como grande

autoridade sobre o pensamento de Arendt e uma pluralidade de temas envolvendo *totalitarismo, violência, política e história*.

Em seguida, podemos situar como grandes marcos gerais de sociabilização e sedimentação de pesquisas arendtianas, o *Simpósio Internacional – A vida como amor mundi: Hannah Arendt entre a filosofia e a política*, organizado pela UnB em 2006, que resultou no livro *Filosofia ou política? Diálogos com Hannah Arendt* (Brea, Nascimento e Milovic, 2010); a comemoração de 50 anos de publicação de *A Condição humana* em 2008, que resultou no livro *Hannah Arendt: entre o passado e o futuro* (Correia e Nascimento, 2008); o *Colóquio Internacional Reflexões sobre problemas políticos e morais modernos e contemporâneos à luz do pensamento arendtiano* em 2009, que resultou no livro *Uma obra no mundo: diálogos com Hannah Arendt* (Vaz e Winckler, 2009); o *Colóquio Internacional Eichmann em Jerusalém: 50 anos depois* em 2013, organizado pela UFPR, originando o livro *Eichmann em Jerusalém: 50 anos depois* (Brepohl, 2013); o *Colóquio Internacional Hannah Arendt: a crise na educação revisitada* em 2013, na USP, do qual resultou o livro *Hannah Arendt: a crise na educação e o mundo moderno* (Carvalho e Custódio, 2017); e os eventos *Ciclo Hannah Arendt* – iniciado em 2010, na UEL – e o *Encontro Internacional Hannah Arendt* – iniciado em 2009, em Ijuí –, os quais resultaram em diversos *anais* e artigos, sendo os dois eventos que se perpetuam até o presente momento.

Assim, uma série de eventos científicos propiciaram espaços de sociabilização e a formação de laços entre os pesquisadores arendtianos. A transformação das discussões nos eventos em livros, consolidava discussões, atualizava debates e abria novas facetas de pesquisa. Uma variedade de temas ganhou pauta, como autoridade, pluralidade, trabalho, ação, educação e narrativa. Diálogos com diferentes autores, como *Walter Benjamin, Heidegger, Homero, Koselleck e Guimarães Rosa* foram fomentados. Ao passo, novos pesquisadores foram ocupando espaço e ganhando reconhecimento por suas pesquisas, como *Eduardo Jardim, André Duarte, Adriano Correia e Marion Brepohl*.

Desse modo, podemos afirmar que o livro *Dicionário Hannah Arendt* é a reunião de anos de pesquisas, diálogos e amizades acadêmicas que se iniciaram

desde a introdução da obra de Arendt, em 1972. Os nomes e seus vínculos acadêmicos, tais como as referências bibliográficas de cada verbete, atestam o livro como local de sedimentação de compreensão sobre cada um dos temas. A recepção da obra de Arendt anterior aos anos 2000, aparecem no corpo de textos arendtianos presentes. Os eventos científicos que marcaram a irradiação da fortuna crítica de Arendt no Brasil, constam – para além dos próprios pesquisadores – nas obras em conjunto amplamente citadas. Enquanto, as temáticas que foram sendo exploradas em cada evento, por cada pesquisador, constam em alguma medida em um verbete ou outro.

Contudo, mesmo com grandes ganhos que o livro propiciou aos estudos sobre Hannah Arendt, percebe-se duas lacunas. A primeira, é a concentração demasiadamente em temáticas diretas que Arendt abordou. Certamente trata-se de um recorte, o qual está fora de questão criticar sua validade, haja visto o resultado do livro como um todo. Porém, podemos acrescentar que esse recorte deixou pesquisas que fomentam ligações entre temas, conceitos, imagens e, principalmente, relações interautorais entre Arendt e outros pesquisadores, como Benjamin, Heidegger, Jaspers, Homero, Kafka, Koselleck, Kant etc.

A segunda, é referente a escassa presença de historiadores reconhecidos que investigam a obra de Arendt. Nomes como Marion Brepohl e Renata Schittino, estão ausentes, sendo o quadro autoral composto predominantemente por filósofos e cientistas políticos. Tanto que temáticas caríssimas para a História, como o *storyteller*, a narrativa, a memória e a história, não se encontram tematizadas, justamente porque o livro não envolveu especificamente os interesses dos historiadores.

Essa escassez de historiadores, fundamentalmente, é decorrente da tardia aceitabilidade da obra de Arendt quanto uma fonte histórica. Não havendo núcleos, grupos de leitura, de pesquisa ou revistas destinadas ao debate específico de Arendt na História, justifica-se a baixa presença de historiadores no livro. Todavia, nessa ausência se confirma aos historiadores que vem se debruçando sobre a obra de Arendt que suas pesquisas são fundamentais para a consolidação da área na fortuna

crítica arendtiana e na compreensão de temas como história, narrador, memória e narrativa etc.

## **Bibliografia**

- Brea, G., Nascimento, P. C. y Milovic, M. (Orgs.). (2010). *Filosofia ou Política? Diálogos com Hannah Arendt*. Annablume.
- Brepohl, M. (Org.). (2013). *Eichmann em Jerusalém: 50 anos depois*. Ed. UFPR.
- Brepohl, M. (2001, Jan./Jun.) Pensamento e ação na obra de Hannah Arendt. *História & Perspectivas*, 1(24), 27-38.
- Carvalho, J. S. F. y Custódio, C. O. (Orgs.). (2017). *Hannah Arendt: a crise na educação e o mundo moderno*. Intermeios; Fapesp.
- Correia, A. y Nascimento, M. (Orgs.). (2008). *Hannah Arendt: entre o passado e o futuro*. UFJF.
- Duarte, A., Lopreato, C. y Brepohl, M. (Orgs.). (2004). *A banalização da violência: a atualidade do pensamento de Hannah Arendt*. Relume Dumará.
- Jardim, E. y Bignotto, N. (Orgs.). (2001). *Hannah Arendt: diálogos, reflexões, memórias*. Ed. UFMG.
- Lafer, C. (1981). A política e a condição humana. En Arendt, H. y Raposo, R. (Trad). *A condição humana*. (1-12). Forense Universitária.
- Lafer, C. (1988). *A reconstrução dos direitos humanos: um diálogo com o pensamento de Hannah Arendt*. Companhia das Letras.
- Lafer, C. (1972). Da dignidade da política. En Arendt, H. y Barbosa, M. W. (Trad). *Entre o passado e o futuro*. (9-27). Perspectiva.
- Lafer, C. (2017, Jan./Fev.). Hannah Arendt: 110 anos. *Revista Brasileira*, 6(90), 73-76.
- Lafer, C. (1979). *Hannah Arendt: pensamento, persuasão e poder*. Paz e Terra.
- Lafer, C. (2008). Hannah Arendt: vida e obra. En Arendt, H. y Bottman, D. (Trad). *Homens em tempos sombrios*. (291-312). Companhia das Letras.
- Lafer, C. (2018). O antisemitismo, os judeus e o mundo moderno. En Lafer, Celso. *Hannah Arendt: pensamento, persuasão e poder*. 3. ed. (143-156). Paz e Terra.

- Lafer, C. (2001). Reflexões de um antigo aluno de Hannah Arendt sobre o conteúdo, a recepção e o legado de sua obra, no 25º aniversário de sua morte. En Jardim, E. y Bignotto, N. (Orgs.). *Hannah Arendt: diálogos, reflexões, memórias*. (11-34). Ed. UFMG.
- Vaz, C. A. C. y Winckler, S. (Orgs.). (2009). *Uma obra no mundo: diálogos com Hannah Arendt*. Argos.
- Young-Bruehl, E. (1997). *Por amor ao mundo: a vida e a obra de Hannah Arendt*. Tradução Antônio Trânsito. Relume-Dumará.